

Enunciação aforizante no Twitter: uma análise discursiva da *hashtag* #aprendinoem

Aphorization in Twitter: A discourse analysis of the *hashtag* #aprendinoem

Heloisa Mara Mendes¹

hlsmnds@ufu.br

Universidade Federal de Uberlândia

RESUMO - Neste trabalho, analisamos postagens que, indexadas com a *hashtag* #aprendinoem e publicadas no Twitter, nos dias de aplicação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) de 2015, contêm uma lógica de citação dos itens apresentados no exame. Procuramos verificar a hipótese de que essas postagens sejam enunciações aforizantes, segundo a definição de Dominique Maingueneau. Concluímos que as postagens analisadas, ao destextualizarem fragmentos de itens do Enem, veiculam imagens que, construídas na e pela enunciação, visam contestar a autoridade do exame.

Palavras-chave: enunciação aforizante, Twitter, Enem.

ABSTRACT - This paper examines the tweets that have been marked with the *hashtag* #aprendinoem during the 2015 Brazilian High School National Exam – the Enem – and follow the logic of quoting the exam questions. It is tested the hypothesis that these tweets are aphorizations, as defined by Dominique Maingueneau. It is concluded that these tweets, by decontextualizing the question fragments, promote images (in and by the enunciation) that intend to discredit the authority of the exam.

Keywords: aphorization, Twitter, Enem.

Considerações iniciais²

Dá-se o nome de *hashtag* ao conjunto formado pelo símbolo # (cerquilha) seguido de uma palavra ou oração. As *hashtags* são muito utilizadas em redes sociais como forma de indexar postagens com o mesmo tema e facilitar a recuperação de informação, visto que, ao clicar sobre uma *hashtag*, tem-se acesso a todas as postagens etiquetadas da mesma maneira. Além disso, o uso dessa ferramenta favorece o compartilhamento de informações e a interação nas redes sociais, pois, em certa medida, permite a identificação do autor de uma postagem com determinado grupo, dado que um usuário, geralmente, posta e compartilha mensagens com etiquetas utilizadas também por outras pessoas. Nesse sentido, o uso de uma *hashtag* pode ser pensado como um elemento definidor de uma comunidade discursiva.

Neste trabalho, analisamos, especificamente, a *hashtag* #aprendinoem e/ou sua variante #AprendeNo

Enem, uma etiqueta que toma corpo na rede de *microblogs* Twitter, nos dias de aplicação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). A *hashtag* em questão, formada pela cerquilha acrescida da oração “Aprende no Enem”, é usada pela comunidade discursiva formada por usuários da rede social que são candidatos ao exame.

No Twitter, sob essa etiqueta, são reunidas postagens muito variadas que englobam desde informações mais genéricas sobre o exame (i) e o desempenho de cada candidato (ii) até postagens que citam fragmentos dos itens (iii)³:

- (i) #aprendinoem que tem maluco até pra calcular a borracha do estilingue! socorroney! #Enem2015
- (ii) #AprendeNoEnem que quando eu mal terminava de ler a questão eu tinha que ler de novo pq já n lembrava o que tinha lido. #Enem2015

¹ Universidade Federal de Uberlândia. Av. João Naves de Ávila, 2121, Santa Mônica, 38400-902, Uberlândia, MG, Brasil.

² Este trabalho é resultado do projeto de pesquisa *Enunciação aforizante e Exame Nacional do Ensino Médio: uma análise da hashtag #aprendinoem*, desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio da Universidade Federal de Uberlândia, em parceria com o CNPq, durante o período de março de 2016 a fevereiro de 2017. Para seu desenvolvimento, foi fundamental a participação da estudante secundarista Arianne Alves Fernandes. Uma parte do trabalho produzido foi apresentada no V Congresso Internacional da Associação Brasileira de Estudos Semióticos (ABES), evento realizado na Universidade Federal Fluminense, de 4 a 7 de abril de 2017.

³ Item é o termo técnico referente a cada uma das questões apresentadas no Enem.

(iii) #AprendiNoEnem que Um carro esportivo é financiado pelo Japão, projetado na Itália e montado em Indiana, México e França.

Interessam-nos, aqui, as postagens que, publicadas no Twitter, nos dias de aplicação do Enem realizado no ano de 2015, e indexadas com #aprendinoenem e/ou #AprendiNoEnem, contenham uma lógica de citação, como exemplificado em (iii)⁴.

Nosso objetivo é averiguar a plausibilidade da hipótese de que essas postagens possam ser consideradas enunciações aforizantes, segundo as características apresentadas por Dominique Maingueneau (2014, 2010). Dessa perspectiva, o efeito de tais postagens seria destextualizar um texto, minando sua aparente compacidade e, assim, veicular imagens do exame construídas na e pela enunciação. Pretendemos, portanto, verificar em que medida as características do regime de enunciação aforizante podem ser reconhecidas no *corpus*.

O interesse por esse tema justifica-se em função da quantidade de menções ao Enem no Twitter. De acordo com o portal de notícias G1, em 2015, por exemplo, o exame gerou 3,7 milhões de *posts*. Desse total, cerca de 400.000 *tweets* (incluindo os *retweets*, isto é, *tweets* compartilhados por terceiros) foram indexados com a *hashtag* #aprendinoenem. Justifica-se, também, por privilegiar a relação dialética entre um conceito bastante produtivo para a análise de frases que são postas a circular por toda parte (nas conversações, na imprensa escrita e na internet, nas fachadas de edifícios públicos, nas estantes de livros, nas bandeiras, nas camisetas, etc.) e um fato discursivo relativamente novo.

O Twitter e a análise do discurso

Criado em 2006 por desenvolvedores de *softwares* norte-americanos, o Twitter se estabeleceu como um canal por meio do qual os usuários pudessem compartilhar seus sentimentos, pensamentos e ações no momento exato em que teclassem, além de promover certa aproximação entre eles em uma lógica de “seguidores” e “seguidos”.

Em sua página *web*, a rede de *microblogs* é apresentada como “o lugar certo para saber mais sobre o que as pessoas estão falando e o que está acontecendo no mundo agora” (Twitter, 2018). Em outras palavras, trata-se de uma plataforma digital que permite a publicação de *tweets*, ou seja, mensagens que podem conter fotos, *GIFS*, *links*, *emojis*, enquetes, localização, vídeos e texto, por meio de SMS, do *website* e/ou do aplicativo do serviço, e sua visualização por terceiros. De modo

geral, os usuários são levados a responder, com até 280 caracteres, à pergunta: O que está acontecendo⁵? Assim, as atualizações são exibidas na *timeline* (linha do tempo) do próprio usuário e daqueles que estejam inscritos para recebê-las em tempo real.

Além das atualizações, a *timeline* apresenta sugestões de perfis a serem seguidos e de assuntos do momento, ou seja, assuntos que se tornam muito populares na rede de *microblogs* e que, geralmente, são indicados por meio de uma *hashtag* – função criada no próprio Twitter – acompanhada do número correspondente de *tweets*.

O desenvolvimento de plataformas como o Twitter fez surgirem práticas (*tweets*, *retweets*, *hashtags*, entre outras) específicas do universo digital, modificando, consideravelmente, as modalidades tradicionais de exercício do discurso. Acontecimentos como esse têm levado os analistas do discurso a se interrogarem sobre a pertinência de muitas de suas categorias teóricas que foram concebidas em um contexto sócio-histórico anterior à popularização do uso da internet. Além disso, “sobre a tela aparecem imagens transitórias, em recomposição perpétua, mosaicos de módulos tipográficos, painéis de navegação, nós em uma rede, e não textos que se poderia relacionar a lugares circunscritos em territórios com fronteiras claras” (Maingueneau, 2015, p. 167), o que, certamente, implica mudanças nas formas de constituição e de abordagem de *corpora on-line*. Ainda de acordo com esse autor,

[...] as novas tecnologias da comunicação não são apenas instrumentos a serviço de uma comunicação verbal que permaneceria fundamentalmente inalterada: elas modificam a materialidade do que se entende por “discurso”, com tudo o que isso implica em termos de relações sociais e de construção de subjetividade (Maingueneau, 2015, p. 170).

Sendo assim, uma questão que se impõe a este trabalho está relacionada ao fato de que as postagens no Twitter complexificam a representação comumente associada à atividade verbal. Os *tweets* tendem a romper com as restrições usuais impostas pela textualidade e/ou pela alternância de turnos de fala. Entretanto, esses enunciados são possíveis porque são indissociáveis da comunidade cuja coesão contribuem para manter.

As postagens são colocadas em circulação no interior de uma espécie de fluxo contínuo de manifestações de sociabilidade em que cada usuário pode se expressar pontualmente. A articulação dos enunciados de um usuário a uma totalidade que, aqui, poderia ser entendida como um discurso sobre o Enem veiculado no Twitter, é garantida pelo uso da *hashtag* #aprendinoenem. Essa ferramenta,

⁴ Agradecemos a contribuição do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e do Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cultura (Labic) do Departamento de Comunicação Social em associação com o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Computação da Universidade Federal do Espírito Santo para a delimitação do *corpus*.

⁵ O recorte do *corpus* de análise ocorreu em um período em que eram permitidas postagens com até 140 caracteres. O aumento no número de caracteres por *tweet* foi implementado a partir de novembro de 2017.

ao mesmo tempo, pressupõe e reforça uma comunidade fundada na prática de *twitter* cujo posicionamento sobre o exame está longe de ser unívoco. Desse modo, cada postagem institui uma cena na qual o Enem “fala” para além dos destinatários instituídos pela própria plataforma como “seguidores” do usuário responsável por colocar o enunciado em circulação, haja vista que qualquer pessoa pode clicar sobre a *hashtag* e ter acesso a um “texto” que se altera e se amplia a todo instante.

Em uma sociedade profundamente marcada pelo digital, a enunciação aforizante se multiplica nas páginas do Twitter e nos *sites* de informação. Esse recurso tem sido explorado de formas muito diversificadas segundo as épocas e os lugares. De acordo com Maingueneau (2015), em sociedades primordialmente orais, a enunciação aforizante estabelece uma relação privilegiada com a experiência acumulada, com a autoridade dos mais antigos e com as formas sentenciosas que são memorizadas, como os ditados e os provérbios. A mobilização desse conceito para a análise de uma prática exclusivamente virtual visa, por um lado, descrever e analisar o mecanismo que permite associar as postagens em espaços de expressão pessoal (*microblogs*) a determinado discurso – um discurso sobre o Enem – e seus efeitos de sentido. Por outro lado, visa, mesmo que minimamente, compreender a relação que se estabelece entre esses enunciados e a comunidade discursiva que eles engendram.

Da noção de destacabilidade à noção de enunciação aforizante

Dominique Maingueneau (2014) parte da noção de destacabilidade, que designa um conjunto de propriedades que faz com que certas frases sejam destacadas e postas a circular como se não tivessem feito parte de textos, para desenvolver conceitos produtivos para a análise de enunciados relativamente breves. Esses enunciados podem ser encontrados em contextos comunicativos muito diversos, tais como *slogans*, máximas, manchetes de artigos de imprensa, intertítulos e citações célebres, entre outros. A partir dessa lista, o autor distingue duas classes diferentes, conforme o destaque seja constitutivo – como, particularmente, é o caso dos provérbios e de todas as fórmulas sentenciosas que por natureza não possuem um contexto original – ou por extração de um fragmento de texto quando nos encontramos em uma lógica de citação⁶.

Para Maingueneau (2010, p. 10-11), “a extração não acontece de maneira indiferenciada sobre um texto: certos fragmentos são apresentados como *destacáveis*”. Na maioria das vezes, os enunciados destacáveis ocupam um lugar privilegiado (são as últimas palavras de um texto); são generalizantes, do tipo que imaginamos poder

facilmente serem repetidos; apresentam uma estruturação pregnante do seu significante e/ou do seu significado; e são introduzidos por uma operação metadiscursiva do enunciador que realiza retomadas categorizantes (“essa verdade essencial...”) ou emprega conectores de reformulação (“em outros termos”, “enfim”, “digamos”, etc.). Se, por um lado, não é necessário que todos esses marcadores sejam mobilizados para que um fragmento seja interpretado como destacável, por outro lado, pode intervir uma ponderação entre eles. Sendo assim, o caráter generalizante e a brevidade podem ser mais importantes do que a posição ocupada no texto-fonte.

Os enunciados destacados decorrem de um regime enunciativo específico que o autor propõe chamar de enunciação aforizante, o que significa que os enunciados se apresentam com relativa autonomia em relação ao texto de que foram extraídos. De um ponto de vista textual, para compreendê-los, pode-se prescindir do que os precede e do que os sucede e, de um ponto de vista enunciativo, eles condensam “um grande sentido”.

Entre os enunciados e os textos-fonte, estabelece-se uma relação de tensão, como se os enunciados “quissem” se desvincular de seus textos. A esse regime enunciativo, vincula-se a pretensão de uma fala absoluta, sem contexto. De acordo com Maingueneau (2014, p. 23), “o enunciado raramente é idêntico à sequência à qual se imagina que ele corresponda no texto-fonte” e, mesmo quando o significante não sofre qualquer alteração, a identidade entre as duas unidades é problemática. Nos destacamentos, a alteração do sentido é inevitável e pode ser considerada um sintoma de uma mudança de estatuto pragmático:

A enunciação aforizante obedece a uma economia diferente da do texto. Enquanto o texto resiste à apropriação por uma memória, a enunciação aforizante se dá imediatamente como memorável e memorizável. Não é a articulação de pensamentos de um ou de vários locutores por meio de diversos modos de organização textual, mas a expressão de uma convicção posta absolutamente: nem resposta, nem argumentação, nem narração..., mas pensamento, tese, proposição, afirmação, sentença... (Maingueneau, 2014, p. 28).

A aforização é acompanhada por uma opacificação de sentido, o que exige um trabalho interpretativo. Em outras palavras, partindo do postulado de que a aforização resulta de uma operação pertinente de destaque, devem ser construídas interpretações que permitam justificar essa pertinência.

Maingueneau (2010) opõe a enunciação aforizante à enunciação textualizante para apresentar as características que as diferenciam. Como nosso objetivo é averiguar se as postagens com a *hashtag* #aprendinoem podem ser consideradas possuidoras de um regime enunciativo

⁶ Os enunciados com os quais nos propomos a trabalhar pertencem ao segundo grupo.

aforizante, não faremos menção à oposição engendrada pelo autor, mas, tão somente, às características da aforização, a saber:

- (i) O locutor é apreendido como uma instância que fala a uma espécie de auditório universal. A aforização institui uma cena de fala em que não há interação entre dois protagonistas colocados no mesmo plano. É fundamentalmente monológica, centrada no locutor;
- (ii) O enunciado pretende exprimir o pensamento de seu locutor na forma de dito, frase sentenciosa, afirmação soberana;
- (iii) O enunciado tende à homogeneidade, sem mudança de planos enunciativos;
- (iv) A aforização se instaura como uma forma pura de dizer que, próxima de uma consciência, tem a pretensão de ignorar as imposições decorrentes dos suportes e dos modos de circulação;
- (v) A aforização pretende escapar ao fluxo de comunicação e ser pura fala;
- (vi) A enunciação aforizante não resiste à apropriação por uma memória e se institui como parte de uma repetição constitutiva. Ela implica a utopia de uma fala viva que, sempre disponível, atualiza aquilo que deve ser lembrado por sua notoriedade;
- (vii) Na enunciação aforizante, instaura-se um *ethos* de locutor que está no alto, legitimado pelo *status* de um indivíduo autorizado, em contato com uma fonte transcendente.

Considerando o quadro teórico apresentado, procederemos à análise do *corpus* com o intuito de descrever as propriedades comuns aos fragmentos dos textos-fonte e às postagens que recortamos para análise; demonstrar que essas postagens apresentam um regime enunciativo de natureza aforizante; e elucidar as imagens do exame que são construídas na e pela enunciação.

Propriedades dos textos-fonte

Nesta seção, consideramos os marcadores dos enunciados destacáveis (posição saliente, valor generalizante, estruturação pregnante do significante e/ou do significado e introdução por uma operação metadiscursiva), para descrever os fragmentos de itens do Enem que ganharam destaque no Twitter, em 2015, com a *hashtag* #aprendinoenem.

Cada item disposto nas provas do Enem apresenta a seguinte estruturação: texto-base, enunciado e cinco alternativas. Em áreas como Linguagens, códigos e suas tecnologias e Ciências Humanas e suas tecnologias, nos textos-base, predominam excertos de textos literários, letras de canções, reportagens, artigos de opinião, entre outros gêneros discursivos produzidos por terceiros. Em áreas como Matemática e suas tecnologias e Ciências da

Natureza e suas tecnologias, diferentemente, uma quantidade considerável dos textos-base é de autoria do próprio elaborador do item.

No *corpus* analisado, essa diferença não é tomada como algo importante para o candidato que, em suas postagens no Twitter, interpreta todas as partes constitutivas do item como sendo de responsabilidade do Enem. Assim, o exame adquire, na e pela enunciação marcada com a *hashtag* #aprendinoenem, o estatuto de um sujeito acima de tudo e de todos, um locutor que “fala” para um auditório universal constituído, nesse caso, pela comunidade de usuários da rede de *microblogs* que realizaram ou não o exame.

Com relação à posição saliente, apontada por Maingueneau (2014) como sendo, por exemplo, as últimas palavras de um texto que produzem seu fechamento, no *corpus*, são destacados fragmentos dos textos-base, não importando sua localização (início, meio ou fim); dos enunciados que compõem os itens; e, até mesmo, das alternativas. Há, ainda, destacamentos que combinam trechos de cada uma das partes do item. Essa operação diversificada de destacamento revela não apenas que, em certa medida, o item é tomado como um todo proferido por um locutor – o Enem –, mas, também, que o caráter sentencioso (considerado, em princípio, como um valor intrínseco aos enunciados destacáveis) parece ser tomado como algo secundário pelos candidatos.

A postagem exemplificada em (i), por exemplo, destaca as primeiras palavras do texto-base do primeiro item da prova de Ciências Humanas e suas tecnologias.

- (i) Minha primeira questão já foi “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, já começou lacrando #AprendiNoEnem

No referido item, podia-se ler o seguinte fragmento de *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino (Beauvoir, 1980 *in* Brasil, 2015a, p. 2).

Na operação de destacamento efetuada a partir desse texto-base, o candidato optou por colocar o enunciado destacado entre aspas e substituiu os dois-pontos por vírgula. Essa alteração é reveladora da tensão que se estabelece entre a postagem, o texto-fonte e suas respectivas condições de produção. No texto-fonte, *grosso modo*, procura-se explicar que o lugar da mulher sempre foi definido pelo homem. Na postagem, diferentemente, a vírgula sublinha que o esclarecimento pressuposto pelo emprego dos dois-pontos parece ter sido preterido pelo candidato. O efeito de sentido decorrente da substituição dos dois-pontos pela vírgula é o de aproximar o enunciado destacado à forma dos enunciados proverbiais que, habitu-

almente, são constituídos por frases com estruturas sintáticas semelhantes separadas por vírgula. Assim, coloca-se em circulação uma espécie de máxima reveladora de um posicionamento que pode ser identificado como feminista.

O destaque efetuado a partir do item de número onze da mesma prova, por sua vez, indicia um trabalho do candidato sobre o enunciado destacável. No referido item, o texto-base é constituído por duas imagens de Dom Pedro II adaptadas da obra *As barbas do imperador*, de Lilia Moritz Schwarcz. Abaixo das imagens, apresenta-se o seguinte enunciado acompanhado das alternativas:

Essas imagens de D. Pedro II foram feitas no início dos anos de 1850, pouco mais de uma década após o Golpe da Maioridade. Considerando o contexto histórico em que foram produzidas e os elementos simbólicos destacados, essas imagens representavam um

- A) jovem imaturo que agiria de forma irresponsável.
- B) imperador adulto que governaria conforme as leis.
- C) líder guerreiro que comandaria as vitórias militares.
- D) soberano religioso que acataria a autoridade papal.
- E) monarca absolutista que exerceria seu autoritarismo. (Brasil, 2015a, p. 5).

Na postagem exemplificada em (ii), o candidato reúne uma informação disposta no enunciado, o nome do monarca retratado no texto-base, à informação disposta no primeiro distrator por meio de um verbo de ligação⁷. Essa reunião resulta no enunciado:

- (ii) #AprendiNoEnem que D. Pedro II era jovem imaturo que agiria de forma irresponsável.

No *corpus* que recortamos para análise, são poucos os enunciados destacados com estruturação pregnante do significante e/ou do significado. O enunciado destacado na postagem exemplificada em (i) também é exemplar dessa característica.

Os enunciados introduzidos por uma operação metadiscursiva, diferentemente, não são alvo de destaque. O metadiscurso pressupõe certo controle por parte do enunciador com relação às formas de circulação posteriores a seu texto. No caso dos itens do exame, os operadores metadiscursivos podem aparecer nos textos-base, mas o usuário do Twitter sempre considerará como fonte não o autor do texto, mas o Enem. No *corpus*, não parecem ser relevantes, para as operações de destaque, enunciados produzidos supostamente com a finalidade de serem destacados, repetidos.

Conforme afirmamos anteriormente, para que um enunciado seja tomado como destacável, não é necessário que se reconheça nele todos os marcadores de que trata Maingueneau (2014), mas pode haver uma ponderação entre eles. No *corpus* em questão, o valor generalizante se sobrepõe aos demais marcadores, como confirma a postagem apresentada em (i). Em outras palavras, nas operações

de destaque efetuadas pela comunidade discursiva de usuários do Twitter que são candidatos ao Enem, o valor generalizante do enunciado parece ser mais importante do que a posição saliente, a estruturação pregnante e a introdução por uma operação metadiscursiva. No entanto, nem todo enunciado destacado dos itens do exame pode ser visto como tendo um caráter generalizante.

A partir da teoria mobilizada, poderíamos supor que apenas os textos-base constitutivos dos itens do Enem reunissem fragmentos “dignos” de destaque, se considerássemos que, nas postagens, estivesse em jogo destacar enunciados que ensajassem uma verdade, ou seja, que fossem célebres ou merecedores de memorização. Entretanto, como nossas análises pretendem mostrar, a destextualização de fragmentos que, por sua vez, no caso específico de parte dos textos-base usados nas provas, já foram destextualizados para compor os itens, coloca em cena imagens muito diversificadas do exame.

Tendo analisado as propriedades dos textos-fonte, ou seja, dos fragmentos de itens do Enem considerados destacáveis pelos candidatos, passaremos a analisar as propriedades das postagens marcadas com a *hashtag* #aprendinoem.

Propriedades das postagens com a *hashtag* #aprendinoem

Os *tweets* recortados para análise, geralmente, apresentam a seguinte estruturação: são introduzidos pela *hashtag* #aprendinoem que, acompanhada (ou não) da partícula *que*, é seguida do fragmento destacado, colocado ou não entre aspas (i). Algumas vezes, os *tweets* são seguidos de comentários do candidato e finalizados por outra *hashtag*, a saber, #ENEM2015, entre outras (ii). Também são comuns *tweets* em que o fragmento destacado, entre aspas ou não, é seguido pela(s) *hashtag(s)* (iii):

- (i) #AprendiNoEnem que índio não tem Fé, nem Lei nem Rei.
- (ii) #AprendiNoEnem “Um estudante queria instalar uma lâmpada, um monitor e um computador. ACHO Q ELE DEVIA CHAMAR UM ELETRICISTA.
- (iii) Da pra fazer um mini arco iris com água e óleo. #AprendiNoEnem

Essa diversidade na estruturação das postagens coloca em cena o fato de que a *hashtag* não pode ser interpretada como uma oração que introduz uma citação sob a forma de discurso indireto, mas deve ser tomada como o elemento que identifica o locutor e também o responsável pelo *post*. O locutor, nesse caso, é o Enem – um locutor que, localizado em uma posição hierarquicamente superior, é identificado a uma fonte transcendente, com

⁷ Dá-se o nome de distrator às alternativas que não respondem adequadamente ao proposto no enunciado de cada item.

quem “se aprende” alguma coisa – e o responsável pela postagem, aquele que, tendo feito o exame, pode falar a partir dele.

Nos casos em que as postagens são introduzidas pela *hashtag*, a superfície discursiva aparenta ser uma citação na forma de discurso indireto. No entanto, se consideramos as demais possibilidades de se estruturar as postagens e, ainda, a opção por colocar o texto destacado entre aspas, estamos diante daquilo que Maingueneau (2008) denomina como *ilha textual* ou *ilha enunciativa*. Por meio desse procedimento, o candidato isola um fragmento que, simultaneamente, “ele utiliza e menciona, emprega e cita” (Maingueneau, 2008, p. 151). O fragmento assim isolado contém palavras que podem ser atribuídas ao locutor – o Enem. Nesse contexto, a *hashtag* #aprendinoem, mais especificamente, a desinência verbal – i, em “aprendi”, fixa o enunciado destacado à situação de enunciação: a postagem é sempre posterior ao momento de realização do exame e remete a um suposto aprendizado adquirido durante sua realização, ou seja, em um momento anterior à publicação da mensagem na rede de *microblogs*.

Com o intuito de verificar a plausibilidade da hipótese de que os *tweets* em questão possam ser considerados enunciações aforizantes, descreveremos o funcionamento dessas postagens relacionando-as a cada uma das características apontadas por Maingueneau (2010) para enunciações consideradas aforizantes.

Com relação à primeira característica, de acordo com Maingueneau (2010), nas enunciações aforizantes, o locutor é apreendido em sua plenitude imaginária, como uma instância que fala a uma espécie de auditório universal. Nesse sentido, a cena de fala é fundamentalmente monológica. No *corpus*, a autoria dos textos-base recortados para o exame é apagada em prol do Enem, tomado como o responsável pleno pelos fragmentos citados. Para exemplificar, em (iv) e (v), é destacada parte das letras das canções *Essa pequena* e *Assum preto*, de Chico Buarque e de Luiz Gonzaga⁸, respectivamente:

(iv) #AprendiNoEnem que meu tempo é curto, o dela sobra, meu cabelo é cinza, o dela é cor de abóbora

(v) #AprendiNoEnem que Tudo em vorta é só beleza Sol de abril e a mata em frô Mas assum preto cego dos óio, Num vendo a luz, aí, canta de dô⁹

Mesmo quando há comentários por parte dos candidatos, é sempre possível identificar uma ilha enunciativa atribuída ao Enem e veiculada como uma espécie de enunciado “memorável” (vide enunciado (viii) reproduzido a seguir).

Com relação à segunda característica, Maingueneau (2010) afirma que o enunciado pretende exprimir o pensamento de seu locutor na forma de dito, tese, afirmação soberana. Embora essa característica possa ser verificada no *corpus* analisado, a maioria dos textos destacados permite entrever certa desautorização do exame por parte do candidato. Destacam-se, majoritariamente, fragmentos, em certa medida, jocosos e tautológicos:

(vi) #AprendiNoEnem Que o Gaúcho usava o bico da botina para “cavoucar” a terra.

(vii) #AprendiNoEnem que Um carro solar é um veículo que utiliza apenas energia solar para sua locomoção.

A postagem (vi) também destaca parte de um texto-base, a saber, o fragmento de um artigo publicado na revista *Globo Rural*, usado na formulação do item de número dezoito da prova de Ciências Humanas e suas tecnologias:

Tanto potencial poderia ter ficado pelo caminho, se não fosse o reforço em tecnologia que um gaúcho buscou. Há pouco mais de oito anos, ele usava o bico da botina para cavoucar a terra e descobrir o nível de umidade do solo, na tentativa de saber o momento ideal para acionar os pivôs de irrigação. Até que conheceu uma estação meteorológica que, instalada na propriedade, ajuda a determinar a quantidade de água de que a planta necessita. Assim, quando inicia um plantio, o agricultor já entra no *site* do sistema e cadastra a área, o pivô, a cultura, o sistema de plantio, o espaçamento entre linhas e o número de plantas, para então receber recomendações diretamente dos técnicos da universidade (Caetano, 2011 *in* Brasil, 2015a, p. 7).

Ao destacar parte desse texto-base, o candidato substitui “um gaúcho” por “o gaúcho” e coloca o verbo cavoucar entre aspas. Decorrem dessa operação, a um só tempo, uma imagem do povo gaúcho, particularizado pela substituição do artigo indefinido pelo artigo definido, e uma imagem do exame que, na perspectiva adotada, veicula uma informação sobre um procedimento agrícola rudimentar que o candidato coloca em relevo, mas opta por manter à distância, dadas as aspas empregadas.

Para a postagem (vii), foram destacadas, sem qualquer alteração, as primeiras palavras do texto-base do item de número oitenta e oito da prova de Ciências da Natureza e suas tecnologias, cuja fonte indicada é a página *web* do Departamento de Física da Universidade de Hong Kong:

Um carro solar é um veículo que utiliza apenas a energia solar para a sua locomoção. Tipicamente, o carro contém um painel fotovoltaico que converte a energia do Sol em energia elétrica que, por sua vez, alimenta um motor elétrico. A imagem mostra o carro solar Tokai Challenger, desenvolvido na Universidade

⁸ A letra de *Essa pequena* e um fragmento de *Assum preto* constituíam, respectivamente, o texto-base dos itens de número 103 e 125 da prova de Língagens, códigos e suas tecnologias (Brasil, 2015b).

⁹ Nesse exemplo, a letra maiúscula da primeira palavra dos versos destacados de *Assum preto* indicia o fato de que a *hashtag* não deve ser interpretada como parte do enunciado, mas como uma espécie de assinatura que serve para identificar o locutor responsável pela enunciação.

de Tokai, no Japão, e que venceu o World Solar Challenge de 2009, uma corrida internacional de carros solares, tendo atingido uma velocidade média acima de 100 km/h (Department of Physics in Brasil, 2015a, p. 30).

Nesse contexto, o verbo presente na *hashtag* parece não significar que houve aprendizado realmente. Destacamentos desse tipo contribuem para que se veicule uma imagem do exame que, em certa medida, ridiculariza-o. A seguir, relacionamos outros exemplos com o intuito de comprovar nossa leitura:

(viii) #AprendiNoEnem que a água é origem de todas as coisas, inclusive do meu papel de toxa

Para a postagem (viii), destacou-se parte do texto-base do item de número dezenove da prova de Ciências Humanas e suas tecnologias, a saber, um fragmento de *A filosofia na época trágica dos gregos*, de Friedrich Nietzsche:

A filosofia grega parece começar com uma ideia absurda, com a proposição: a água é a origem e a matriz de todas as coisas. Será mesmo necessário deter-nos nela e levá-la a sério? Sim, e por três razões: em primeiro lugar, porque essa proposição enuncia algo sobre a origem das coisas; em segundo lugar, porque o faz sem imagem e fábulação; e enfim, em terceiro lugar, porque nela, embora apenas em estado de crisálida, está contido o pensamento: *Tudo é um*. (Nietzsche, 1999 in Brasil, 2015a, p. 7)¹⁰.

Na operação de destacamento realizada a partir desse texto-base, em que se suprime uma parte do enunciado destacável (“e a matriz”) e acrescenta-se um comentário (“inclusive do meu papel de trouxa”), subverte-se o sentido pretendido por Nietzsche que, ao mobilizar a afirmação de que “a água é a origem e a matriz de todas as coisas”, argumenta em favor da tese de Tales de Mileto sobre o elemento primordial. O efeito de sentido decorrente dessa operação de destacamento, somada ao comentário, é o de questionar a validade de um conhecimento formulado no período pré-socrático para a atualidade.

A postagem exemplificada em (ix), por sua vez, sugere, apenas aparentemente, que houve aprendizado:

(ix) #AprendiNoEnem que Euphorbia milli é conhecida como coroa-de-Cristo.

Para essa postagem, foi destacada parte do texto-base empregado no item de número quarenta e seis da prova de Ciências da Natureza e suas tecnologias:

Euphorbia milii é uma planta ornamental amplamente disseminada no Brasil e conhecida como coroa-de-cristo. O estudo químico do látex dessa espécie forneceu o mais potente produto natural moluscicida, a miliamina L (Moreira *et al.*, 2011 in Brasil, 2015a, p. 16).

Nessa operação de destacamento, o candidato elimina a explicação – de que se trata de “uma planta ornamental amplamente disseminada no Brasil” – e reelabora a definição contrapondo o nome latino ao nome popular. Se consideramos a possibilidade de que o candidato desconheça o arbusto popularmente chamado de coroa-de-cristo, o caráter do enunciado destacado passa a ser o de relacionar ao Enem uma informação com baixo grau de informatividade.

A terceira característica diz respeito à tendência das aforizações à homogeneidade. Essa tendência se verifica no *corpus* analisado, visto que o candidato destaca um fragmento do exame em sua postagem e o comenta ou não. No plano enunciativo, a voz do Enem é colocada em cena pela figura do candidato. Embora se possa identificar dois “responsáveis” pela asserção, o Enem e aquele que “aprendeu” no Enem, isso se dá sem mudança no plano enunciativo.

(x) #aprendinoenem ninguém nasce mulher, torna-se mulher. Viva o feminismo.

Nesse exemplo, um indício de que estamos diante de um único plano enunciativo é a ausência do conector “que”, o qual, como apontado anteriormente, poderia, erroneamente, ser tomado como um elemento que introduz o texto destacado do Enem sob a forma de discurso indireto. Por meio do destacamento, toma-se conhecimento daquilo que parece ter sido declarado no Enem, mas isso se dá em um único plano enunciativo. O candidato assume o *ethos* de um indivíduo autorizado, o que lhe permite, a um só tempo, colocar um fragmento do Enem em evidência e comentá-lo.

A exemplo de outro destacamento feito a partir do mesmo texto-base, analisado na seção precedente, no enunciado (x), uma vírgula separa as duas orações que, no texto-fonte, são separadas por dois-pontos. Como afirmamos anteriormente, não se trata de uma substituição fortuita, mas de uma alteração formal que, do ponto de vista discursivo, coloca em relevo a natureza aforizante do regime enunciativo da postagem. Grafado com vírgula, o enunciado adquire o estatuto de dito, frase sentenciosa, afirmação soberana identificada a um posicionamento feminista, simultaneamente, assumido pelos candidatos, haja vista seus comentários (“Viva o feminismo”, em um caso, e “já começou lacrando”, em outro), e atribuído ao Enem.

A quarta característica incide sobre o fato de que a aforização se instaura como uma forma de dizer pura, quase próxima de uma consciência, tendo, assim, a pretensão de ignorar as imposições decorrentes dos suportes e dos modos de circulação. Os enunciados analisados não ignoram as imposições decorrentes da rede de *microblogs*,

¹⁰ Retirado de *A filosofia na época trágica dos gregos*, de Friedrich Nietzsche, esse fragmento também foi publicado no volume *Pré-Socráticos* da coleção *Os pensadores* (Editora Nova Cultural), na seção *Crítica moderna*. Por essa razão, o exame atribui a passagem à seção que, intitulada de *Crítica moderna* no livro *Pré-Socráticos*, parece fazer referência a um texto do filósofo alemão com esse título. No entanto, Nietzsche não escreve nenhum livro nem capítulo com esse título, que foi utilizado apenas na coleção *Os pensadores* para designar uma de suas partes.

a saber: não extrapolam a quantidade de 140 caracteres e têm, na *hashtag*, uma ferramenta para etiquetar a postagem. Por meio dela, todas as mensagens sobre um mesmo assunto são englobadas. Em várias postagens, há indícios das imposições da rede, entre elas, abrir aspas, mas não fechá-las; deixar a mensagem sem ser finalizada, com a última palavra pela metade; abreviar o que for possível; não usar ponto final; prescindir da pontuação em função da extensão da mensagem.

Em certa medida, o Twitter favorece a aforização, visto que a limitação imposta pela quantidade de caracteres acaba impondo seu preenchimento em um só plano enunciativo. Com a restrição no número de caracteres, não é possível citar nem atribuir ao outro a citação, nem tampouco separar o fragmento destacado do comentário que se faz dele com as alterações que podemos encontrar em outros suportes. Sendo assim, no *corpus*, a aforização se instaura como uma forma de dizer pura que, no entanto, não ignora as imposições decorrentes da rede de *microblogs*.

É preciso considerar também que os múltiplos mecanismos de destaque adotados pelos candidatos, como apontamos anteriormente, colocam em evidência uma operação sobre o Enem e, conseqüentemente, a veiculação de imagens que, na maior parte dos *tweets*, não se aproximam daquela supostamente pretendida pelo exame. Se consideramos sua proporção e sua consolidação nos últimos anos, é provável que a imagem pretendida pelo Enem seja de seriedade. Contudo, quando os mais variados fragmentos são destacados e ganham o Twitter, essa imagem se altera.

Os exemplos (vii) e (x) ilustram bem essa característica. Analisado anteriormente, o destaque apresentado em (vii) contribui para a construção de uma imagem de obviedade do exame. O destaque em (x), por sua vez, associa o exame a um posicionamento feminista. As imagens do Enem que advêm das enunciações aforizantes são muito diversas. Entretanto, predominam aquelas que pretendem, em alguma medida, contestar sua autoridade.

Outra característica refere-se ao fato de que a aforização pretende escapar ao fluxo da comunicação e ser pura fala. É interessante observar que, no Twitter, a aforização dispara uma série de comentários, *retweets* e curtidas. Todos esses gestos inserem a aforização no fluxo de comunicação que, muitas vezes, extrapola a rede social, tornando-se notícia em outros veículos. Ao mesmo tempo em que a aforização pretende escapar ao fluxo da comunicação, sendo pura fala, ela provoca manifestações que a inserem no fluxo da comunicação: fala-se sobre as postagens, que são compartilhadas e comentadas à exaustão.

Com relação à sexta característica, os enunciados analisados têm uma duração relativamente curta quando comparados a outras enunciações aforizantes, como os provérbios. Essa duração também tem relação com o funcionamento do suporte, visto que, muito rapidamente, um

tema deixa de ser o mais presente na rede de *microblogs*. No Twitter, as *hashtags* mais comentadas são ranqueadas, e a manutenção das primeiras colocações não ultrapassa muito mais do que um dia. No caso da *hashtag* #aprendinoem, essa repetição se dá no sábado e no domingo em que ocorre a aplicação do exame e, mais raramente, na segunda-feira após sua realização. A enunciação aforizante, nesse caso, implica a utopia de uma fala viva que atualiza aquilo que deve ser lembrado por sua “notoriedade”, mas sua disponibilidade é, relativamente, temporária.

Sobre a sétima e última característica apontada por Maingueneau (2010), o Enem é transformado em aforizador à própria revelia em função dos destaques efetuados pelos usuários do Twitter. É preciso considerar que, no *corpus* analisado, o candidato, ao mesmo tempo em que coloca em circulação enunciados atribuídos ao Enem, contribui para a construção de uma imagem desse locutor que, na maioria das vezes, desmonta o *ethos* de uma instância autorizada, em contato com uma fonte transcendente de saber, fazendo com que o exame pareça assumir posições marcadas pelo cômico, pela obviedade, pelo feminismo, pelo insólito, pelo surpreendente, entre outras. Assim, consideramos que é em função das operações de destaque empreendidas pelos candidatos ao exame que o verbo “aprendi”, em #aprendinoem, assume diferentes sentidos.

Considerações finais

Ao iniciarmos nosso trabalho, tínhamos o objetivo de verificar a plausibilidade da hipótese de que as postagens no Twitter com a *hashtag* #aprendinoem pudessem ser consideradas enunciações aforizantes, em conformidade com a teorização desenvolvida a esse respeito por Dominique Maingueneau (2014, 2010).

Para atingirmos esse objetivo, em primeiro lugar, descrevemos as propriedades comuns aos fragmentos destacados das provas do Enem. Esse procedimento nos permitiu verificar que, diferentemente do que postula Maingueneau (2014), não são destacados fragmentos que se situam no final dos textos-base, mas são realizadas operações de destaque que, muitas vezes, integram, por exemplo, parte do enunciado de um item a uma de suas alternativas. Nas operações de destaque analisadas, o lugar supostamente privilegiado ocupado por certas palavras é preterido em função da imagem frequentemente distorcida que é atribuída ao locutor do enunciado.

Em segundo lugar, descrevemos o funcionamento das postagens realizadas no Twitter, nos dias de aplicação do exame, e demonstramos que, de fato, elas apresentam um regime enunciativo de natureza aforizante. Em grande medida, esse regime é determinado pelas coerções da própria rede social, principalmente em função da restrição à quantidade de caracteres e do uso da *hashtag* #aprendinoem. Por fim, demonstramos que, por meio das postagens,

procura-se contestar a autoridade do exame, embora haja raros enunciados que não o façam. Essa contestação é verificada nas operações de destacamento empreendidas pelos candidatos e, talvez, mais explicitamente, nos comentários que acompanham cada destacamento.

Para além da constatação de que estamos diante de enunciações de natureza aforizante, as postagens com a *hashtag* #aprendinoem encerram a possibilidade de inverter a lógica escolar entre quem avalia e quem é avaliado. A nosso ver, no Twitter, emerge uma espécie de revolta contra o Enem entre aqueles que se prepararam exaustivamente e se submeteram ao exame durante horas. Nesse sentido, a rede de *microblogs* se apresenta como um lugar privilegiado para submeter as provas a um escrutínio e desconstruir o exame a partir de seu próprios fragmentos.

Referências

- BRASIL. 2015a. Exame Nacional do Ensino Médio: Prova de Ciências Humanas e suas tecnologias. Prova de Ciências da Natureza e suas tecnologias. Caderno 3. Branco. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/provas-e-gabaritos>. Acesso em: 16/09/2017.
- BRASIL. 2015b. Exame Nacional do Ensino Médio: Prova de Redação e de Linguagens, códigos e suas tecnologias. Prova de Matemática e suas tecnologias. Caderno 6. Cinza. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/provas-e-gabaritos>. Acesso em: 16/09/2017.
- MAINGUENEAU, D. 2010. Aforização – enunciados sem texto? In: D. MAINGUENEAU, *Doze conceitos em Análise do Discurso*. Curitiba, Criar Edições, p. 7-24.
- MAINGUENEAU, D. 2008. *Análise de textos de comunicação*. 5ª ed., São Paulo, Cortez, 238 p.
- MAINGUENEAU, D. 2015. *Discurso e análise do discurso*. São Paulo, Parábola, 189 p.
- MAINGUENEAU, D. 2014. *Frases sem texto*. São Paulo, Parábola, 199 p.
- PORTAL G1. 2015. Enem gera 3,7 milhões de posts no Twitter. Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/enem/2015/noticia/2015/10/enem-gera-37-milhoes-de-posts-no-twitter-veja-memes-e-polemicas.html>. Acesso em: 13/02/2017.
- PRÉ-SOCRÁTICOS. 1999. *Os pensadores*. São Paulo, Nova Cultural, 320 p.
- TWITTER. 2018. Sobre. Disponível em: <https://twitter.com>. Acesso em: 28/07/2018.

Submetido: 25/09/2017

Aceito: 06/08/2018